

BATALHA DO BUÇACO. UMA ANÁLISE OPERACIONAL¹

Abílio Pires Lousada

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Travada no contexto da invasão francesa comandada por Massena, a 27 de Setembro de 1810, a Batalha do Buçaco constitui-se como uma das mais emblemáticas da Guerra Peninsular e a última grande batalha de cariz internacional travada em território português.

Decorridas duas centúrias sobre o confronto militar que opôs o exército combinado luso-britânico ao francês, o “cheiro a pólvora” ainda se faz sentir nas matas da serra que serviu de palco a modelos político-sociais antagónicos, estratégias de guerra divergentes e a sistemas de forças e pressupostos tácticos vinculados na especificidade de cada aparelho militar e na concepção operacional de cada comandante de teatro. Duzentos anos depois, se a orografia da serra se mantém, as características do terreno da batalha mudaram, sobretudo ao nível da hidrografia (desaparecimento de algumas linhas de água) e ao da vegetação, que ocupou largos espaços outrora aptos à observação, ao deslocamento de forças e à progressão de colunas militares. Porém, um observador atento que se posicione em alguns dos pontos de observação existentes não pode deixar de depreender as ordens de batalha dos exércitos e o dispositivo táctico adoptado face ao terreno disponível, admirar a audácia e a motivação dos comandantes presentes dispostos a atingir os objectivos estratégicos estipulados e sentir a coragem e a honra do soldado anónimo empurrado para a cara do inimigo. A serra do Buçaco foi um charco de sangue que a memória não apaga e um observador cortês curva-se mecanicamente em homenagem dos milhares de homens que lutaram e perderam a vida ou ficaram feridos numa batalha que não decidiu o curso da guerra.

Mas, apesar de a Batalha não ter sido conclusiva no contexto da Invasão, revelou-se determinante na medida em que recobrou o moral dos soldados aliados abalado com o “episódio Almeida” e quebrou o ímpeto da progressão francesa e da audácia do seu comandante, cabendo ao «articulado» defensivo das Linhas de Torres Vedras completar, posteriormente, o desastre napoleónico em Portugal.

O mais interessante para quem analisa a Batalha do Buçaco é a possibilidade de aferir da tipologia das operações terrestres dos exércitos presentes e extrair ensinamentos tácticos que, em larga medida e salvo as devidas proporções, ainda hoje se aplicam nas Escolas de Ensino Militar. De facto, trata-se de um excelente caso de estudo ao nível das operações

¹ In *Museu Militar do Buçaco*. Edição Comemorativa do Centenário. 1910-2010, DHCM.

defensivas (Exército Aliado) e da tipologia ofensiva da manobra e de batalha praticadas pelos exércitos napoleónicos. Assim, ao conceito francês de actuação ofensiva baseado na ordem profunda, através da formação em coluna, e no desdobramento na linha na hora do combate, o Exército Aliado opôs uma defesa avançada com as unidades em formação cerrada, conjugando o emprego judicioso do terreno com a implantação de um dispositivo de forças adequado.

1. L'ARMÉE DU PORTUGAL E A INVASÃO DE MASSENA

Na mesma altura em que fracassava a missão de Soult submeter Portugal (Junho de 1809), Napoleão Bonaparte campeava como “senhor” da Europa. Realmente, depois de Essling, a Áustria era de novo derrotada, na batalha de Wagram, e obrigada a assinar o Armistício de Znaim, a 12 de Julho, a Prússia estava neutralizada desde o Tratado de Tilssit e, enquanto o confronto com a Rússia ainda não era abertamente assumido, a grande prioridade do imperador francês continuava a ser a derrota da Inglaterra, através da submissão da Península Ibérica. Portugal, a Galiza e as províncias de Múrcia e de Valência permaneciam fora do domínio napoleónico na Península, a que se acrescentavam as praças marítimas com excepção de Barcelona, pois a presença britânica fazia-se sentir em Ferrol, Cádiz, Cartagena e em Lisboa.

Entretanto, em princípios de 1810, com cerca de 180.000 tropas francesas estacionadas em Espanha (que chegariam nos meses seguintes às 300.000), Napoleão entendeu que estavam reunidas as condições para organizar nova invasão de Portugal, nomeadamente depois de José Bonaparte, rei de Espanha, se ter apoderado de Sevilha e Córdoba ocupando a Andaluzia, do duque de Bellune bloquear Cádiz, do marechal Ney conquistar Salamanca, do general Junot entrar em Valladolid e do general Clausel reocupar Astorga. Assim, por Decreto de 17 de Abril de 1810, o Imperador ordenou a formação de um exército destinado a conquistar Portugal e nomeou o marechal André Massena comandante-em-chefe. Este, ao tomar conhecimento que como comandantes de Corpo de Exército a operação contava com a presença do marechal Ney, oficial que só obedecia com a presença do imperador, e do general Junot, orgulhoso e despeitado pelo fracasso de 1808, teve como primeiro impulso recusar a “distinção” de Napoleão. Argumentou com a idade avançada de 52 anos, uma saúde debilitada por tantas campanhas e a expectável indisciplina dos seus subordinados directos. As apreensões de Massena não demoveram Napoleão: “Parta confiante; tudo correrá melhor que o que pensa. Quando for reunir-se ao exército (...) imprima-lhe uma boa direcção e não esqueça que me representa” (General Koch).

O marechal partiu de Paris a 29 de Abril, no dia seguinte estava em Bayonne e chegou a Vitória a 6 de Maio. Inteirado da situação nas províncias, a 10 de Maio compareceu em Valladolid, onde recebeu as primeiras cartas dos comandantes de Corpo de Exército (CE), tomando conhecimento do estado operacional de *L'Armée du Portugal*. A 28 Maio apresentou-se em Salamanca, onde fez a seguinte proclamação às tropas: “Soldados, confiando-me o comando do seu exército de Portugal, o Imperador quis associar-me à glória que ides adquirir nesta nova expedição. Sabeis que a disciplina e a obediência são as principais garantias da vitória. Encontrareis sempre no meu proceder e no dos vossos chefes o exemplo da perseverança nas dificuldades. Canseiras, privações e glórias, tudo será comum entre nós, e justificaremos a confiança que o Imperador deposita na nossa dedicação” (General Koch).

A 29 de Maio, Napoleão comunicou o conceito de operação: tomar Ciudad Rodrigo e Almeida durante o Verão; progredir em território português apenas em Setembro, após as colheitas, utilizando o eixo de penetração Almeida-Viseu-Coimbra; marchar de forma metódica e sistemática varrendo o inimigo da zona de acção, atacando-o com ímpeto sempre que a situação o favorecesse; Lisboa era o objectivo decisivo, importando impedir que os luso-britânicos conduzissem operações em direcção a Madrid ou à Andaluzia.

Entretanto, o ataque principal pela Beira Alta previa a conjugação com um ataque secundário a partir do eixo raiano Badajoz-Elvas à responsabilidade de Soult, que manobriria pelo alto Alentejo em direcção à capital portuguesa. Estranhamente, a missão conferida a Soult foi pouco precisa, acabando por ter uma conduta operacional pouco interventiva em território português.

Concentrado em Salamanca, *l'Armée* organizou-se e ultimou preparativos: Massena era o comandante, que tinha Fririon como chefe de estado-maior; Reynier, Ney e Junot assumiam o comando dos três CE; Montbrun, Eblé e Lasouski comandavam a Cavalaria, a Artilharia e a Engenharia de campo, respectivamente. O II CE (general Reynier) compreendia duas divisões de Infantaria (Merle e Heudelet) a duas brigadas cada, a Cavalaria e a Artilharia de corpo e uma Companhia de Sapadores, apresentando efectivos na ordem dos 16.298 homens, 2.434 cavalos e 18 bocas de fogo. Tratava-se de um CE composto por tropas experientes e comandado por um disciplinador e planeador competente, que orientou inicialmente a força para a região de Alcântara para guarnecer o flanco esquerdo do exército. O VI CE (marechal Ney) compreendia três divisões de Infantaria (Loison, Marchand e Mermet) a duas brigadas cada, a Cavalaria (reforçada pelos dragões de Kellermann) e a Artilharia de corpo e uma Companhia de Sapadores, tendo efectivos de 27.712 homens, 5.609 cavalos e 30 peças. Este

CE era quase totalmente constituído por veteranos de guerra e tinha em Ney um excelente e carismático comandante tático, mas de difícil trato pessoal com Massena e incompatibilizado com um dos comandantes de divisão (Loison). O VIII CE (general Junot) estava organizado com três divisões de Infantaria (Clausel, Belignas e Seras), a duas brigadas cada, a Cavalaria (reforçada pelos dragões de Sainte-Croix) e a Artilharia de corpo, mais uma Companhia de Sapadores, com um total de 23.905 homens, 4.599 cavalos e 36 peças. Este CE era comandado por um general de competência operacional duvidosa que tinha ao seu dispor tropas inexperientes. A Divisão de Cavalaria (general Montbrun) compunha-se de três brigadas, com 4.624 homens e 4.456 cavalos. Este Exército tinha depósitos de abastecimentos em Valladolid, Léon e Astorga².

Tratava-se de um exército colossal, superior a 70.000 efectivos, que colocava a Massena preocupações de transitabilidade e de abastecimentos. De transitabilidade, sobretudo da numerosa artilharia, “porque, em Portugal, país muito acidentado, quase não existem estradas grandes. As vias de comunicação são quase sempre veredas estreitas, pedregosas e frequentemente escarpadas” (Barão de Marbot). Situação que piorava consideravelmente no Inverno, quando as chuvas transformam os trilhos em trajectos lamacentos intransitáveis. Por esta razão foi escolhido como eixo principal de invasão a Beira Alta que, apesar de ser o mais longo, era central e cortava Portugal em dois, permitia a manobra por linhas interiores, a cooperação operacional com o teatro do Alentejo e apresentava menos condicionamentos aos movimentos, havendo a possibilidade de aproveitar as vias de comunicação do litoral a partir de Coimbra para progredir rapidamente (Miranda Cabral). Relativamente aos abastecimentos, é sabido que os exércitos napoleónicos “marchavam sobre o estômago”, prática complicada numa região pautada pela aridez, reduzidas colheitas e animosidade ostensiva das populações. Agosto foi o mês escolhido para início das operações militares, a partir da conquista de Ciudad Rodrigo, de modo a entrar em Portugal após “os calores e as colheitas” (Gotteri). Assim, ao olharmos para as forças napoleónicas, aquilo que no resto da Europa foi uma vantagem operacional – o Princípio Divisionário e as diversificadas e extensas linhas de comunicações – em Portugal revelou-se uma perigosa vulnerabilidade, face aos péssimos itinerários, aos reduzidos e inexactos meios de orientação cartográficos, à orografia, à escassez de bens de subsistência e à conduta arreigada e dispersa das forças irregulares. O Barão de Thiébault, ex-Chefe de Estado-Maior de Junot, avaliando o potencial Luso-Britânico e antevendo que a marcha de progressão de *l'Armée* seria perigosamente lenta devido ao

² A composição e organização de *l'Armée* de Massena assentam na orgânica avançada pelo General Koch, Barão de Marbot e Gregory Fremont-Barnes.

relevo e às dificuldades de traficabilidade e manobra em caminhos estreitos que obrigavam a marchas apeadas, favorecendo as emboscadas do inimigo, concluía que era preciso um exército de cerca de 100.000 homens para conquistar Portugal³.

2. A DEFESA DE PORTUGAL E A ORGANIZAÇÃO DO EXÉRCITO ALIADO

Na Primavera de 1810 já se sabia em Portugal, devido à acção de espionagem dos ingleses, que estava em preparação um colossal contingente militar para novamente invadir Portugal. O espaço temporal entre esta data e a da concretização da invasão (meados de Agosto) permitiu urdir um plano e desenvolver uma estratégia, para uma vez mais anular a ameaça. Coube ao general irlandês Artur Wellesley, comandante operacional do Exército Aliado, delinear e executar a forma de atingir tais desígnios que, no essencial, consistiu: barrar o eixo beirão com o ‘ferrolho’ de Almeida; defender Portugal longe da capital, desencadeando acções militares contra o inimigo a partir da fronteira, evitando empenhamentos decisivos a não ser em situações muito favoráveis; efectuar uma acção retardadora, trazendo os franceses na sua pegada, de molde a desgastá-los e privá-los de recursos pela prática de uma política ‘de terra queimada’, com empenho total de toda a população; atrair o inimigo para o esquema defensivo montado a Norte da capital, as Linhas de Torres, que foram o segredo da derrocada napoleónica.

No imediato, foram mandados vir da Inglaterra novos reforços humanos e materiais, enquanto, em Portugal, o Conselho da Regência e a Igreja trataram de instigar à resistência a população: à resistência activa acometendo as tropas invasoras através de escaramuças, emboscadas e corte de linhas de comunicações; à resistência passiva privando o inimigo de recursos alimentares e de alojamento, mediante a não colaboração.

Deste modo, no limiar da invasão, os efectivos ingleses, que rondavam os 25.000 homens, eram apoiados logística e operacionalmente a partir da costa e servidos por um sistema de transportes terrestre composto por brigadas de mulas de carga. Era um exército constituído por um corpo profissional de múltiplas procedências, embora a base de recrutamento dos soldados fosse, na maioria, irlandesa, e com grande mobilidade, podendo em 48 horas concentrar 38.000 homens na Guarda, incluindo as forças portuguesas (Pereira de Carvalho). O Exército Regular Português, sob o comando do general inglês Carr

³ Inicialmente, Napoleão previu efectivos na ordem dos 130 000 homens, que foram reduzidos para os 100 000 soldados, numa primeira fase, até se fixarem nos 70 000. As razões encontram-se nas contingências da guerra no teatro austríaco, na preparação da invasão da Rússia e nas “manobras erráticas” do rei José em Espanha, que inquinaram a missão de Soult em complementar a invasão de Portugal através do eixo Badajoz-Elvas.

Beresford, era constituído pelas 1.^a e 2.^a Divisões (Regimentos e Brigadas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia), a que acrescentam as forças irregulares, com Quartel-General em Tomar e Abrantes (áreas de expectativa estratégica), respectivamente. Para movimentar estas forças, tinha sido construída uma estrada de Tomar ao vale do Mondego, com vista à sua concentração rápida, quer para reforçar a região de Coimbra, quer a de Abrantes, conforme o eixo de aproximação do invasor. Os comandos regionais eram da competência dos generais portugueses Francisco da Silveira (Norte), Pinto Bacelar (Centro) e Paula Leite (Alentejo).

A força combinada luso-britânica, comandada pelo General britânico Arthur Wellesley, adoptou a Divisão enquanto unidade táctica fundamental, constituída, por norma, por 2 Brigadas inglesas e 1 Brigada portuguesa, cada uma com 3 Batalhões. A Cavalaria constituía uma Divisão formada por 3 Brigadas a 2 Regimentos cada. As Divisões e as Brigadas eram de comando britânico, competindo a oficiais portugueses e britânicos o comando intercalar do escalão Regimento, Batalhão ou Companhia (Lemos Pires). Relativamente às forças irregulares de milícias e ordenanças (forças de flagelação), Wellesley não só as incorporou na estratégia de defesa territorial colocando-as sob o seu comando directo, como as cingiu às leis militares, descentralizando a sua actuação (Themudo Barata). A existência destes “soldados sem uniforme” motivou Massena a acusar Wellesley de conduta desleal na guerra.

Portanto, face à invasão que se avizinhava, o sistema de forças luso-britânico foi organizado, em Abril de 1810, da seguinte forma: 1.^a Divisão (general Spencer), com três brigadas britânicas e uma portuguesa, compreendendo cerca de 7.000 homens; 2.^a Divisão (Hill), com três brigadas e a Divisão Portuguesa Hamilton, a duas brigadas, e efectivos superiores a 10.000 soldados, metade dos quais portugueses; 3.^a Divisão (Picton), que compreendia duas brigadas britânicas e uma portuguesa, num total de 4.750 homens; 4.^a Divisão (Cole), também constituída por duas brigadas britânicas e uma portuguesa, com cerca de 4.500 homens; 5.^a Divisão (Leith), era formada por uma brigada inglesa e uma portuguesa, a Leal Legião Lusitana, quatro batalhões portugueses e o regimento de milícias de Tomar; Divisão Ligeira (Craufurd), constituída por duas brigadas com efectivos anglo-portugueses à volta dos 3.800 homens; Divisão de Cavalaria (Cotton), a três brigadas com cerca de 2.500 efectivos; 1.^a, 5.^a e 6.^a Brigadas Independentes de Infantaria Portuguesa, sob comando de Pack, Campbell e Coleman e com 2.770, 3.250 e 2.350 homens, respectivamente⁴.

⁴ Para a constituição e organização do Exército Aliado acompanhámos o estudo de Luz Soriano, Vitoriano José César e Charles Oman.

O grosso da força foi inicialmente concentrado na região do vale do Tejo (5.^a Divisão de Leith, em Tomar), no alto Alentejo (2.^a Divisão de Hill, em Portalegre) ⁵ e na Beira Alta (3.^a Divisão de Picton em Pinhel, 1.^a Divisão de Spencer em Viseu e 4.^a Divisão de Cole na Guarda), atendendo às dúvidas iniciais sobre a direcção de ataque e intenções do inimigo. Em Almeida ficou uma guarnição superior a 4.000 homens (tropa de linha, milícias e ordenanças portuguesas), enquanto o coronel Trant comandava sete regimentos de milícias disseminados entre o Douro e o Mondego e os generais Silveira, Bacelar e Leite faziam o mesmo entre Douro e Minho, nas Beiras e no Alentejo, respectivamente, com a missão de ‘varrerem’ as respectivas zonas de acção.

3. A BATALHA DO BUÇACO

Depois de se acercarem de Ciudad Rodrigo e obrigarem 10.000 espanhóis à rendição após um cerco de 24 dias (10 de Julho), os franceses defrontaram a infantaria ligeira de Craufurd nas margens do Côa (24 de Julho) e acometeram Almeida, na qual os luso-ingleses depositavam esperanças de sustentar o ímpeto invasor, que capitulou após 14 dias de resistência (27 de Agosto), depois de o paiol de pólvora explodir e destruir parte das muralhas. Com a conquista de Ciudad Rodrigo e de Almeida, Massena converteu as praças em bases de aprovisionamento indispensáveis para operações ulteriores, apresentando-se-lhe dois eixos de progressão para atingir Lisboa, ambos passando por Coimbra.

3.1. Marcha para o contacto em direcção a Alcoba

Nesta altura, descontando as baixas (doença e combate) e os efectivos necessários para sustentar Ciudad Rodrigo, Almeida e a região limítrofe, Massena tinha à sua disposição pouco mais do que 45.000 homens, pelo que ordenou que o II CE de Reynier se lhe juntasse, desguarnecendo o flanco esquerdo, e solicitou reforços a Napoleão, que nunca chegariam.

A 15 e 16 de Setembro, o Exército de Massena concentrou-se: o II CE chegou à Guarda; o VI CE atingiu Fornos de Algodres; o VIII CE atingiu Pinhel. O caminho mais curto e mais fácil para atingir Coimbra era pela margem esquerda do Mondego, rasgado pelos vales do Alva e do Mondego, embora tivesse maior número de vulnerabilidades para a intercepção das suas forças, sobretudo nos contrafortes da serra da Estrela e na ponte de Mucela, sobre o rio Alva. Wellesley acreditava que seria esta a direcção da progressão, balanceando, inclusivamente, as forças face a esta modalidade. Mas o Marquês de Alorna e outros oficiais

⁵ A Divisão de Hill estava sediada na região de Portalegre devido ao posicionamento inicial do II CE de Reynier, pronta para barrar a aproximação francesa a partir do Alentejo, caso ocorresse.

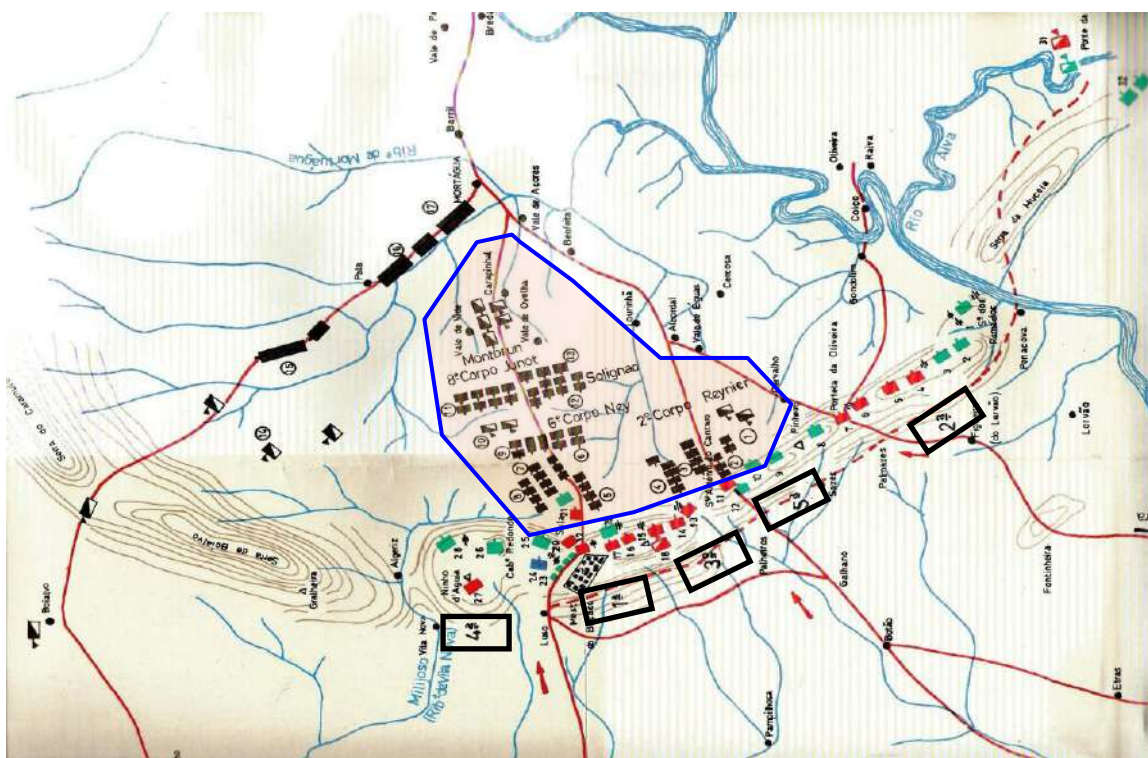
portugueses que estavam no Exército francês desde 1807, contrariando a opinião inicial do Estado-Maior de Massena, aconselharam-no a seguir pela margem direita do rio. Sem efectivos suficientes para marchar ao longo das duas margens, o marechal fez “demonstrações de marcha” na margem esquerda, passível de deixar o comandante inimigo na dúvida quanto à direcção a seguir, e atravessou o Mondego, a 17 de Setembro, seguindo pela margem oposta, com Viseu “em linha de vista”, que atingiu e ocupou a 20. Viseu revelou ao ocupante uma cidade despovoada e desprovida de víveres (onde só encontrou limões e uvas), impedindo-os de reabastecimentos. A força descansou e reorganizou-se, tendo Massena aí permanecido (e perdido) seis dias! Era sua “intenção contornar a serra de Alcoba [Buçaco] por um dos numerosos caminhos que irradiam Viseu e cair em seguida sobre Coimbra ladeando as vertentes ocidentais dos montes” (General Koch). Contudo, ou porque foi enganado pela leitura errada dos mapas ou por deficiências de estudo da zona de operações, seguiu para Santa Comba Dão, de onde prosseguiu para Sul, pela estrada Tondela-Mortágua, em direcção à Serra do Caramulo, “embatendo” no Buçaco.

A decisão de Massena atravessar o Mondego provocou incerteza no General Wellesley que, embora tivesse planeado com tempo e em perspectiva toda a logística sobre os prováveis eixos de aproximação do Exército francês, enchendo os armazéns de víveres e munições, demorou algum tempo a refazer o dispositivo e a tentar conseguir mais alguns recursos para as suas tropas. De facto, este pensara, inicialmente, que Massena se dirigisse de Celorico pela margem esquerda do Mondego sobre a ponte de Mucela e, quando as forças francesas atingiram Viseu, ainda julgou que estas marchassem pelo Vale do Vouga para alcançarem a estrada para Lisboa. Porém, a marcha pela estrada de Tondela a Mortágua, mostrou-lhe que Massena estava resolvido a passar pelo Buçaco. Apanhado de surpresa, foram as milícias do Coronel Trant que neutralizaram o efeito da manobra francesa, ao atacarem o parque de artilharia e bagagens inimigas. Esta acção, mais a exagerada paragem de Massena em Viseu e a demorada e difícil marcha do parque da artilharia francesa, favoreceram Wellesley, que ganhou um tempo precioso para fazer face às contingências. Consequentemente, ordenou que as divisões marchassem rapidamente para a serra do Buçaco onde, depois de destruídas as pontes, como a de Mucela, seria instalado um dispositivo para receber o Exército inimigo, que o seguiu desde o Côa ao Criz.

A 25 de Setembro os dois exércitos estavam em contacto nas cercanias do Buçaco, ocorrendo as primeiras escaramuças. Falho de iniciativa, Massena instalou o posto de comando em Mortágua e só no dia seguinte reconheceu o terreno e estudou o adversário, de forma sumária, que se posicionava na dobra da serra. Para ele a posição inimiga, que

desconhecia onde tornear, não era tão forte como parecia, decidindo que atacaria na manhã de 27, contrariando Ney e Junot que o instaram a atacar de imediato, pois os defensores estavam ainda em fase de concentração e organização do dispositivo e os franceses a duas horas do contacto.

3.2. Caracterização do terreno e implantação dos dispositivos⁶



Fonte: *A Batalha do Buçaco*, Museu Militar. Memória, 1981. Adaptação do autor.

A Serra do Buçaco, com a direcção NO-SE, prolonga-se numa extensão de 20km desde o Ninho d'Águia até Nossa Senhora do Monte Alto (actualmente N. S.^a Senhora dos Remédios). O prolongamento da Serra da Mucela é a continuação da Serra do Arganil, uma das ramificações da Serra da Estrela. Para o norte apresenta uma série de elevações, que se vão ligar à serra do Boialvo. Com uma altitude média de cerca de 300 metros, a serra atinge os 547 metros no seu ponto culminante (Cruz Alta), onde forma um planalto, que tem na sua parte mais larga 500 metros. Portanto, a posição do Buçaco fica perfeitamente limitada nos seus flancos pelo rio Mondego e pela Ribeira do Milijoso. Se o terreno entre Mortágua e a Serra do Buçaco é muito cortado, não permitindo o movimento fora dos caminhos, muito especialmente da artilharia, a ondulação do terreno confere-lhe uma compartimentação

⁶ Relativamente à ordem de implantação do dispositivo aliado e às direcções de ataque dos franceses tomamos como referência (ponto de observação) o obelisco comemorativo da batalha existente na serra.

longitudinal, de modo que quaisquer movimentos de tropas eram vistos do alto da posição. Um grande número de pequenos cursos e linhas de água cortam transversalmente e percorrem longitudinalmente o terreno sobranceiro à serra, mas tão próximas umas das outras que mesmo o movimento da infantaria encontra sérias dificuldades. A ribeira do Milijoso corre paralelamente à parte da posição que fica ao norte da mata do Buçaco, cortando-a no Ninho d'Águia até Vila Nova. A vertente da serra que olha para Mortágua é quase abrupta em toda a sua extensão, sendo difícil o seu acesso por este lado, mas o mesmo não sucede no declive virado para Coimbra, pois o terreno é mais aberto. A posição é, assim, perfeitamente adaptada a uma defesa avançada, não permitindo contra-ataques exteriores, tornando precários os contra-ataques interiores e sendo difícil executar uma retirada, por falta de posições de apoio à retaguarda. A posse da povoação de Moura tornava-se de grande importância para os franceses assegurarem um movimento pelo vale do Milijoso, que permitia tornear a posição se o flanco esquerdo desta terminasse na mata do Buçaco, como erradamente pensaram. Para evitar esse torneamento é que o Exército Aliado ocupou as alturas do Cabeço Redondo e do Ninho de Águia.

Posição da Força Aliada

As forças anglo-lusas ocuparam a Serra em duas linhas defensivas (crista militar e crista topográfica), barrando os itinerários de acesso à posição e garantindo o apoio mútuo entre unidades, mediante o seguinte dispositivo (NO-SE): no flanco esquerdo, guarnecendo o Ninho d'Água, ficava a Divisão Cole (4.^a); seguia-se a Divisão Spencer (1.^a), entre o flanco esquerdo de Cole e a área sobranceira de Sula, a quem cabia exercer o esforço na batalha, barrando o eixo Mortágua-Luso-Mealhada utilizado por Ney; seguia-se a Divisão Picton (3.^a), instalada no centro do dispositivo entre o mosteiro e Santo António de Cântaro, garantindo apoio mútuo a Spencer e a Leith; à direita da Divisão Picton, a de Leith (5.^a) prolongava-se até à Portela de Oliveira, barrando o eixo Mortágua- Santo António de Cântaro-Fornos utilizado por Reynier, que destacou as companhias da Leal Legião Lusitana para guarnecer o flanco SE de N. Senhora do Monte Alto; a defesa prolongava-se com a Divisão Hill, que ocupava o alto da Chã defendendo a área Portela de Oliveira-N. S.^a do Monte Alto; a Divisão Ligeira (Craufurd), que incorporava os Caçadores Portugueses ('galos de combate'), instalou-se na crista militar na área de Sula, uma posição avançada relativamente à divisão Spencer, decidida a receber pelo fogo sniper o primeiro impacto do inimigo; em frente da ravina que desce da serra e passa ao sul dos moinhos de Moura, ficava a 1.^a Brigada Portuguesa Independente (Pack), ligando Craufurd e Spencer; a Cavalaria Inglesa (Cotton) ficava sobre o

flanco esquerdo, um pouco à retaguarda, vigiando a planície que se estende até à estrada Porto-Coimbra, pela Mealhada, e a estrada Mortágua-Boialvo; a cavalaria portuguesa (Fane) vigiava os vaus do Mondego e respectivos caminhos; a Infantaria Portuguesa (Lecor) ocupava a Ponte da Mucela, apoiando a cavalaria de Fane; a Artilharia (60 peças) foi posicionada ao longo do planalto em apoio de fogos das divisões, podendo operar com toda a liberdade em frente da posição e com capacidade para fazer fogo ao outro lado do Criz; a reserva era constituída pela Legião Alemã (destacada da 1.^a Divisão e que ocupava Monte Novo), e pelas 5.^a e 6.^a Brigadas Portuguesas Independentes, posicionada à retaguarda da Divisão Ligeira de Craufurd; a tarefa de vigiar os caminhos que irradiavam de Mortágua foi dada às milícias de Trant⁷.

Wellesley, sitiado na crista topográfica na área da Divisão Picton (apesar de se ter deslocado para outros pontos à medida das contingências da batalha) empregou no Buçaco os princípios tácticos que nortearam a sua conduta em território peninsular: não expor as suas tropas de linha ao inimigo antes da batalha se iniciar; proteger os flancos; enfrentar a infantaria ligeira francesa com as suas tropas de escaramuça. Desta forma, escolheu a posição em contra-encosta, que lhe garantia protecção contra os bombardeamentos da artilharia inimiga, e a Infantaria foi formada em duas linhas defensivas, conferindo apoio mútuo e profundidade ao dispositivo, capazes de produzirem uma cortina de fogo devastadora contra as linhas do atacante no momento do seu desenvolvimento.

A posição defensiva (20km de extremo a extremo) era muito extensa para ser ocupada por um exército de 50 000 homens a defender em formação cerrada, de acordo com as ideias tácticas de 1810⁸). Em muitos locais havia zonas não ocupadas por tropas, onde Wellesley confiou nos escarpados do terreno, existindo brechas inacessíveis de extensão considerável. Era um risco assumido, pelo facto de a posição controlar o terreno à sua frente, desde a ravina ao sopé. As brigadas estavam instaladas de modo a deslocá-las para o local onde os franceses atacassem. Devido à existência do itinerário Luso-Penamacor na retaguarda da posição, era possível deslocar unidades e balancear o esforço de molde a fazer face a contingências. Havia ainda a consciência da parte luso-britânica da impossibilidade de o inimigo atacar de noite e tirar rendimento da sua artilharia devido à natureza complicada dos taludes. Na convicção de que Massena abordaria o sopé da serra em coluna e atacaria em linha, o comandante aliado

⁷ Caracterização do terreno e implantação do dispositivo luso-britânico em conformidade com a “observação” de Vitoriano José César, Ferreira Gil, Barros Rodrigues, Araújo e Silva e René Chartrand.

⁸ Doutrinariamente, um batalhão defendia uma frente à volta dos 750 metros. Cada uma das cinco Divisões que defendeu o “alto do Buçaco” ocupou uma extensão com cerca de 4 km.

previa que quando os franceses atingissem o alto da ravina, estariam cansados e desmembrados devido ao natural esforço da subida e das primeiras resistências. “As linhas defensivas empregariam, então, o fogo directo e lateralizado pelas unidades posicionadas em arcos de círculo, que colocaria os atacantes em posição crítica” (Araújo e Silva). Sempre que necessário, actuar-se-ia de baioneta calada, atirando com o inimigo encosta abaixo.

Dispositivo das forças francesas

Para Massena, o inimigo seria aniquilado por um ataque frontal, feito de forma violenta e por vagas sucessivas (reiteração de esforços), ou seja, aproximação em coluna e ataque em linha a partir da base da serra. Assim, o conceito de acção determinava: o II CE de Reynier faria a operação de moldagem (ataque secundário) avançando em duas colunas e atacando com as duas divisões de forma a penetrar no dispositivo em Santo António do Cântaro, entre as 3.^a e a 5.^a divisões aliadas, separando-as. Simultaneamente, o VI CE de Ney (ataque principal) faria o mesmo 3 km ao lado com as três divisões, logo que Reynier atravessasse a linha de alturas, dirigia-se para o Sula e atacava a posição de Spencer (supostamente o flanco da posição aliada), desarticulando o dispositivo. Tratava-se da execução de um ataque frontal contra as divisões aliadas posicionadas destinado a anular o apoio mútuo e a batê-las separadamente. Depois, após penetração no dispositivo aliado, os dois comandantes de corpo franceses convergiam para a área do convento, reorganizavam-se e atacavam a retaguarda luso-britânica. O VIII CE (Junot), que acompanhava o movimento do VI CE, reforçaria Ney ou Reynier, conforme se desenrolasse a acção. Como o ataque do II e VI CE devia ser executado em simultâneo, este devia iniciar o movimento em direcção ao sopé da serra antes deste, pois o terreno nessa área dificultava sobremaneira a marcha.

3.3. Descrição da Batalha⁹

Portanto, a 27 de Setembro um Exército francês organizado no vale da serra com pouco mais de 50 000 soldados rompeu a batalha contra o Exército aliado numericamente equivalente instalado na crista do Buçaco. Aquele decidido a destruir o inimigo (acção militar de aniquilamento); este apto a derrotá-lo e a reduzir o ímpeto do seu potencial para, assim, preservar a liberdade de acção para acções ulteriores (modalidade estratégica de acções sucessivas).

⁹ Adoptamos a descrição de Vitoriano José César, General Koch e Barão de Marbot.

Massena mandou desencadear a batalha na manhã de 27 de Setembro de 1810. Duas razões favoreciam o ataque: metade das tropas do exército aliado (as portuguesas) não tinham experiência de combate como exército regular; as acções anteriores de Wellesly, furtando-se a empenhamentos decisivos com os franceses. Porque o ataque francês à posição aliada não foi convergente nem obedeceu a unidade na acção, vamos acompanhá-lo através da acção desfasada dos CE de Reynier e Ney.

Ataque do II CE (Raynier)

Ao romper da aurora, a Divisão Merle (II CE) avançou debaixo de um espesso nevoeiro. Logo a seguir a Santo António do Cântaro, deixou a estrada e desenvolveu-se no terreno à direita, coberto de mato e bastante arborizado. A Brigada Sarrut repeliu os postos avançados aliados e, impulsionada com vigor, levou diante de si o regimento português de Infantaria N.º 8. Conseguindo, assim, estabelecer-se na crista, os franceses separaram a 5.ª Divisão (Leith) da 3.ª Divisão (Picton). Da mesma forma, o Regimento N.º 4 da Brigada Graindorge consegue atingir a crista e, fazendo uma conversão à direita, procura envolver o flanco da 3.ª Divisão (Picton).

Entretanto, o nevoeiro dissipou e Wellesley, que se estabelecera no cabeço próximo a este ponto de ataque, deu ordens para seis peças de artilharia romperem fogo, metralhando as colunas francesas de Graindorge que, fatigadas por uma marcha extenuante de mais de uma hora, se mostraram hesitantes e recuaram. Então, o General Picton (3.ª Div) reiterou a acção da Divisão de Leith com três regimentos, que deram uma descarga cerrada à distância de 20 passos e, calando baionetas, levaram adiante de si os soldados inimigos, que retiraram encosta abaixo na maior desordem. Nesta acção, uma das mais importantes e decisivas da batalha, morreu o general Graindorge, dois coronéis, 80 oficiais e mais de 700 soldados.

Os Regimentos da Divisão Merle, não tendo sido oportunamente apoiados pela reserva (Regimento N.º 15) retiraram para o sopé da montanha, onde se reorganizaram. Reynier ordena então novo ataque, mandando avançar de novo a Brigada de Surrat, de modo a combinar o ataque com a Brigada de Foy, que actuara em Santo António do Cântaro. As forças avançaram até à crista militar, altura em que a Brigada de Surrat foi atacada pela Divisão Picton (3.ª) e duas brigadas da Divisão Spencer (entretanto deslocadas para esse ponto de ataque), sendo colocada fora de combate. A Brigada Foy foi repelida com pesadas baixas pelo 74.º Regimento Britânico e os 9.º e 31.º Portugueses, comandados pelo Coronel José Champalimond (que foi ferido). Reynier, tendo apenas a brigada Arnaud como reserva e

vendo convergir para o local do combate uma parte das forças de Hill (2.^a), resolveu retirar para o vale para reorganizar as suas forças e esperar o resultado do ataque do VI CE.

Ataque do VI CE (Ney)

Segundo o conceito de Massena, os ataques do II e VI CE deviam ser simultâneos e, como o terreno a percorrer pelo VI CE era mais difícil, este deveria iniciar o seu movimento primeiro do que aquele, o que não se verificou. De facto, o VI CE só avançou uma hora e meia depois, de forma que, quando atacou a posição defensiva, eram evidentes as dificuldades de penetração do II CE. Inclusivamente, as três divisões de Ney actuaram sem coordenação de esforços.

Primeiro avançou a Divisão Loison (vanguarda do CE) que, próximo de Moura, saiu para a direita da estrada. A Brigada Ferrey avançou por uma ravina de mais fácil acesso, enquanto a Brigada Simon, desenvolvendo-se mais à direita, avançou pela escarpa que conduzia a Sula. A Brigada Simon foi a primeira a sofrer o fogo do defensor, mas, apesar de perder filas inteiras, conseguiu romper até ao esporão ocupado pela Divisão Craufurd. Todavia, às descargas dos regimentos ingleses e do fogo dos caçadores portugueses seguiu-se uma terrível carga à baioneta, que enviou os franceses encosta abaixo. Não teve melhor sorte a Brigada Ferrey, que foi barrada pela Brigada Coleman, sendo dizimada pelo fogo desta e atacada de flanco por Regimento Infantaria Nº 19 português. Toda a divisão Loison foi obrigada a retirar, reorganizando-se à retaguarda de Moura.

A Divisão Marchand, que devia ter entrado em acção ao mesmo tempo que a de Loison, avançou tardiamente seguindo. Atacada a partir pelas unidades de reserva e as forças ligeiras aliadas, e assistindo à retirada de Loison, Marchand obliquou para a esquerda procurando abrigo num pinhal. Incapaz de escalar a posição onde se encontrava a Brigada Pack e forças da Divisão de Spencer (1.^a), a Divisão francesa foi sistematicamente fustigada pelo fogo da artilharia aliada. Enquanto isso, Loison procurava resistir nas Casas Brancas à tentativa de Crawford o desalojar.

A Divisão Mermet, que constituía a reserva do VI CE, não chegou a entrar em acção.

Do VIII CE, que constituía a reserva geral francesa, ainda foi mandada deslocar a divisão Clausel para apoiar o II CE, enquanto a Divisão Solignac, com a cavalaria, ficava à retaguarda das alturas de Moura para sustentar o VI CE. Contudo, Massena, que se conservara durante a batalha junto aos moinhos de Moura, desistiu de empenhar a reserva num ataque sem possibilidades de êxito. A derrota era completa nos dois Corpos de Exército. Separados por mais de 3 km, tinham combatido desligados. O desfasamento dos ataques e a ausência de

unidade na acção permitiram a Wellesley fazer deslocar contra o VI CE francês uma parte das forças que tinha no centro da posição.

Perante a situação de derrota militar e enfrentando a animosidade dos principais generais, Massena decidiu tornear a posição do Buçaco. Aproveitando o efeito surpresa, executou o movimento na noite de 28 para 29 de Setembro, percorrendo a via que liga Mortágua a Boialvo, fazendo assim o percurso que negligenciara a 26 de Setembro durante os reconhecimentos. Entretanto, evitando o possível envolvimento das suas forças, Wellesley retirou da posição e marchou em direcção a Coimbra, levando o Exército de Massena na sua “peugada”.

3.4. Análise da Batalha¹⁰

Tacticamente, no Buçaco assistiu-se a um ataque frontal executado contra uma posição defensiva avançada desdobrada em duas linhas.

Relativamente à actuação de *l'Armée* de Massena, pode considerar-se o ataque como desapropriado face ao terreno e ao dispositivo inimigo, onde um reconhecimento convenientemente realizado faria perceber ao comandante francês que a posição era inexpugnável face a um potencial relativo de combate (PRC) de quase paridade. Desde logo, porque o terreno inviabilizava o desdobramento das colunas para a linha na hora de as unidades “calarem baioneta”. Depois, face à posição defensiva luso-britânica, o ataque frontal (Reynier) devia ser complementado com uma manobra de envolvimento capaz de acometer o flanco esquerdo aliado, obrigando a um empenhamento prematuro e à divisão das forças defensivas.

O próprio conceito táctico, com a aproximação em coluna e o desenvolvimento das unidades em linha na ‘hora’ de atacar, foi deficientemente executado, imperando os contratempos e os erros de avaliação. Realmente, a juntar às contradições existentes nos altos comandos, Massena cometeu o erro de instalar o posto de comando no moinho de Moura, negando-se à visualização plena do campo de batalha, nomeadamente do II CE, e à avaliação da manobra das diversas unidades, ficando sem condições de efectuar ajustamentos tácticos à medida que os combates ocorriam. Depois, o ataque foi desencadeado sem a conveniente preparação de artilharia (que o nevoeiro e a natureza da posição defensiva inviabilizou) e operacionalizado num terreno difícil e íngreme, com sacrifício inútil de soldados e subestima da capacidade combativa do adversário. Paradoxalmente, como os reconhecimentos foram

¹⁰ Análise em conformidade com Abílio Lousada, Brito Limpo e Barros Rodrigues.

mal realizados e devido ao nevoeiro, Massena convenceu-se da possibilidade de tornear a Serra do Buçaco no Sula, ignorando que se prolongava até ao Ninho de Águia, área defensiva da 4.^a Divisão Aliada. De acordo com a nossa análise, houve uma inversão no esforço francês: o maior volume de forças devia ter incidido em S. António de Cântaro (II CE de Raynier), posição que uma vez conquistada dividiria as forças luso-britânicas (3.^a e 5.^a Divisões), lançando uma sobre o Mondego e a outra sobre a estrada Botão-Coimbra. Massena fez precisamente o contrário; empregou o VI CE no ataque principal numa área que desconhecia (Sula) e o II CE no ataque secundário, ou seja, os dois CE estavam com as missões invertidas e houve uma escolha errada do ponto decisivo do dispositivo luso-britânico.

Mas, principalmente, os CE deviam ter actuado simultaneamente de forma a deixar o inimigo indeciso e obrigado a empenhar-se decisivamente. Não sucedeu assim, Ney (VI CE), com terreno mais difícil à sua frente, deslocou-se para o sopé da serra depois de Raynier (II CE), atacando fora de tempo e quando este culminava, permitindo que o exército francês fosse batido por partes devido à não conjugação de esforços. Para completar o desastre, a elevação da serra e a configuração do terreno desde a base de ataque ao sopé do Buçaco inviabilizou a utilização da artilharia e impossibilitou o movimento da cavalaria, armas em que o PRC francês era nitidamente superior. A própria reserva comandada por Junot mal se mexeu.

Do lado luso-britânico, princípios das operações terrestres como a liderança¹¹, surpresa (duas linhas defensivas, posição do Ninho D'águia e reserva), flexibilidade (forças capazes de manobrar na crista reforçando unidades) ou cooperação (forças combinadas luso-britânicas e inter-armas) foram respeitados, de nada valendo o valor e a experiência de combate dos soldados franceses. Realmente, apesar de a parte da serra ocupada pelo efectivo ser demasiado extensa, o dispositivo táctico implantado revelou-se adequado ao terreno, às forças disponíveis e ao inimigo. Wellesley centralizou o comando e controlou as operações a partir da escolha criteriosa de um terreno dominante da zona de acção. Associando terreno e meios, o comandante aliado posicionou unidades nas penetrantes conducentes à posição (barrou os eixos) às quais conferiu apoio mútuo, colocou duas linhas defensivas fora das vistas do inimigo, conferindo a profundidade possível ao dispositivo, a Infantaria e a Artilharia foram posicionadas para actuarem em conjunto, batendo o inimigo pelo fogo e pela baioneta, e

¹¹ Não por acaso, o maior volume de forças foi concedido a Spencer (experiência); Leith (coragem e tenacidade); Hill (confiança pessoal do comandante), que barraram os eixos de acesso à serra; Picton (carisma) garantiu o apoio mútuo a Spencer e Leith (áreas de ataque francês), revelando-se decisivo; Cole foi a surpresa pela ocultação de forças num ponto desconhecido do inimigo; as unidades ligeiras de Craufurd ("os olhos" de Wellesley) constituíram a primeira barreira defensiva do esforço concedido a Spencer.

protegeu os flancos com a cavalaria e a Leal Legião Lusitana, de forma a evitar que a posição fosse envolvida, e apoiou-se nas forças irregulares para desencadear contínuas escaramuças na zona circundante, flagelando o inimigo. A própria existência de itinerários à retaguarda e para o interior da posição permitia o balanceamento de forças e a reiteração de esforços à medida das vicissitudes da batalha, verificável na forma como o II e o VI CE franceses foram copiosamente batidos a ‘dois tempos’.

E assim, através do fogo e acções de baioneta calada da Infantaria, da metralha da artilharia, a partir da frente e flancos da posição, e da actuação oportuna das reservas devidamente ocultas, os franceses rolaram encosta abaixo, deixando no campo de batalha cerca de 4500 baixas, que inclui o inusitado número de 5 oficiais gerais, 7 coronéis e mais de duas centenas de oficiais de patente inferior, constituindo a cifra proporcionalmente mais elevada das campanhas napoleónicas em território peninsular. Números bastante superiores aos cerca de 1 100 portugueses e britânicos.

4. FECHO

Pode dizer-se que os pressupostos defensivos delineados pelo general Arthur Wellesley, para uma batalha que comandou em toda a linha, tinham vantagens incontestáveis face ao conceito de acção ofensiva do marechal André Massena e do PRC disponível. Nestas condições, só um comandante tacticamente inteligente e de liderança incontestável poderia suprir o diferencial terreno/dispositivo defensivo versus poder atacante, algo que não esteve ao alcance do comandante francês. A este respeito é sintomática a posterior apreciação de Napoleão: “Massena sempre foi cabeçudo, mas no Buçaco mostrou ser ignorante, atacando de frente uma tal posição sem a devida preparação de artilharia. As batalhas ganham-se torneando o inimigo e atacando-lhe um flanco” (cit Medeiros Ferreira).

Massena só torneou a posição, pela estrada de Boialvo, depois da derrota no Buçaco, e Wellesley podia ter feito perseguição ao exército francês explorando o sucesso (foi criticado por isso), evitando que rompesse o contacto, se reorganizasse e envolvesse a posição, obrigando os luso-britânicos a retirar. Mas não o fez, preservando a concepção inicial de defesa do território português. O não envolvimento em combates decisivos, o desgaste continuado do invasor e a crença nas virtudes das Linhas de Torres preservaram uma concepção operacional da qual não se desviou um milímetro.

Relativamente ao comportamento das unidades portuguesas presentes no Buçaco¹², aproveitamos um trecho do comentário de Wellesley do ofício enviado a Miguel Pereira de Forjaz e publicado na Gazeta de Lisboa: “As operações que effectuei no dia 27 me offereceram uma oportunidade de mostrar ao inimigo a qualidade das tropas de que era composto o meu exercito, bem como a de conduzir pela primeira vez as tropas portuguesas recentemente recrutadas e organisadas a uma acção com elle em uma vantajosa posição. As tropas d’esta nação hão mostrado que o trabalho e desvelos que com ellas se tiveram não foram baldados, e que se tornaram dignas de combaterem nas mesmas fileiras das tropas britannicas pela tão interessante causa, á qual ellas offerecem as melhores esperanças de salvação”.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARATA, Manuel Themudo, “A Guerra Subversiva – Soldados Sem Uniforme”, in *Nova História Militar de Portugal*, Direcção de Manuel Themudo Barata e Nuno Severiano Teixeira, vol. 3, Rio de Mouro, Círculo de Leitores, Abril de 2004.
- CABRAL, Miranda, *Conferências Sobre Estratégia. Estudo Geo-Estratégico dos Teatros de Operações Nacionais*, vol. II, Lisboa, Maurício e Monteiro, 1932.
- CARVALHO, Manuel Jorge Pereira de, *Da Praça de Almeida à Batalha do Buçaco*, Almeida, Edição da Câmara Municipal de Almeida, 2006.
- CÉSAR, Vitoriano José, *Batalha do Buçaco*, Lisboa, Imprensa da Armada, 1910.
- CHARTRAND, René, *Bussaco 1810. Wellington Defeats Napoleon’s Marshals*, Oxford, Osprey Publishing, 2001.
- FERREIRA, Arnaldo Manuel de Medeiros, *História Militar. Idade Contemporânea. As Invasões Francesas*, IV Volume (policopiado), Lisboa, Serviços Gráficos da Academia Militar, 1986.
- GIL, Ferreira, *A Infantaria Portuguesa na Guerra Peninsular*, Segunda Parte, 1912.
- GOTERRI, N., *Napoleão e Portugal*, Lisboa, Editorial Teorema, 2006.
- KOCH, General, *Memórias de Massena. Campanha de 1810 e 1811 em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.
- LIMPO, F. A. de Brito, *Considerações Estratégicas e Táticas sobre a Batalha do Bussaco*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1887.

¹² O contingente português na batalha equivalia-se em número ao britânico. De acordo com Luz Soriano, entraram na batalha dezanove Regimentos de Infantaria, seis Batalhões de Caçadores, três Regimentos de Cavalaria, três Regimentos de Artilharia e dois Batalhões da Leal Legião Lusitana.

- LOUSADA, Abílio Pires, “Batalha do Buçaco. Considerações tácticas”, in *Azimute*, Mafra, Escola Prática de Infantaria, 2008.
- MARBOT, General Barão de, *Memórias sobre a 3ª Invasão Francesa*, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2006.
- OMAN, Charles, *A History of the Peninsular War*, London, Grenhil Books, 2004.
- PIRES, Nuno Lemos, “A Invasão de Massena, Buçaco e as Linhas de Torres Vedras”, in *Guerra Peninsular. Novas Interpretações*, Lisboa, Tribuna, 2005.
- RODRIGUES, Barros, *Organização dos Exércitos, Organização Militar Portuguesa, Estratégia, Geografia e História, História Militar*, Lisboa, Escola do Exército, 1935-1936.
- SILVA, A. Araújo e, *A Batalha do Buçaco*, Lisboa, Museu Militar, 1981.
- SORIANO, Simão José da Luz, *História da Guerra Civil e do Estabelecimento do Governo Parlamentar em Portugal, Guerra da Península*, Tomo III, Segunda Epocha, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874.
- THIEBAULT, Baron de, *Relation de L'Expedition du Portugal*, Paris, 1817.
- FREMONT-BARNES, Gregory, *The Napoleonic Wars. The Peninsular Wars 1807-1814*, Oxford, Osprey Publishing, 2002.